

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI

ERIVELTON LIMA SOBRINHO

**A DEFICIÊNCIA DA PROFICIÊNCIA ORAL DE PROFESSORES DE
LÍNGUA INGLESA NÃO NATIVOS NA PERSPECTIVA DE ALUNOS
QUE PARTICIPAM DE GRUPOS NO FACEBOOK E WHATSAPP**

Teresina
2017

ERIVELTON LIMA SOBRINHO

**A DEFICIÊNCIA DA PROFICIÊNCIA ORAL DE PROFESSORES DE
LÍNGUA INGLESA NÃO NATIVOS NA PERSPECTIVA DE ALUNOS
QUE PARTICIPAM DE GRUPOS NO *FACEBOOK E WHATSAPP***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à disciplina TCC como requisito parcial para
obtenção de grau no Curso de Letras Inglês
pela Universidade Estadual do Piauí.

Orientadora: Profa. Esp. Francisca Oliveira

Teresina
2017

S677d Sobrinho, Erivelton Lima.

A deficiência da proficiência oral de professores de língua inglesa
não nativos na perspectiva de alunos que participam de grupos no
facebook e *whatsapp* / Erivelton Lima Sobrinho. - 2017.

43 f. : il.

Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Piauí -
UESPI, Campus Torquato Neto, Curso de Licenciatura Plena em
Letras Inglês, 2017.

“Orientador: Profª. Esp. Francisca Oliveira.”

1. Língua inglesa - Sotaque. 2. Língua inglesa - Pronuncia.
3. Inglês - Ensino. I. Título.

CDD: 420

ERIVELTON LIMA SOBRINHO

**A DEFICIÊNCIA DA PROFICIÊNCIA ORAL DE PROFESSORES DE
LÍNGUA INGLESA NÃO NATIVOS NA PERSPECTIVA DE ALUNOS
QUE PARTICIPAM DE GRUPOS NO *FACEBOOK E WHATSAPP***

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em:

_____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Orientador - Presidente

Membro

Membro

AGRADECIMENTOS

- À minha Orientadora, Professora Francisca Oliveira, por ter aceito me acompanhar na execução deste trabalho, fornecendo a base necessária para o andamento desta pesquisa;
- À Supervisora da Disciplina, Professora Márlia Riedel, por ter auxiliado na escrita do trabalho, dando suporte quanto à sua formatação e pelo esforço e paciência para sanar todas as dúvidas;
- A todos os professores das demais disciplinas, por terem me ajudado na obtenção do conhecimento teórico necessário para a prática da docência;
- Aos meus familiares, por terem dado o suporte emocional e financeiro para que eu pudesse concluir este curso.
- À Universidade Estadual do Piauí como um todo, por ter sido o ambiente onde tive a oportunidade de conhecer colegas e professores que, com o tempo, se tornaram meus amigos e, acima de tudo, por ter me dado a oportunidade de concluir um curso superior.

“Se antes de começarmos a falar, determinamos e escolhemos, previamente, as palavras, nossa conversa não será vacilante nem ambígua. Se em todos os nossos negócios e empresas terminarmos e planejarmos, as etapas da nossa atuação, obteremos êxito. Se determinarmos com bastante antecedência a nossa norma de conduta na vida, em nenhum momento seremos assaltados pela inquietação. Se sabermos, previamente, quais são os nossos deveres, será fácil dar-lhes cumprimento.”

(Confúcio)

RESUMO

A definição de sotaque e de pronúncia e suas diferenças, juntamente com os fatores que regem a aquisição de uma segunda língua, são as bases para a discussão proposta nesse Trabalho de Conclusão de Curso, que são as deficiências de proficiência oral de professores não nativos na perspectiva de alunos de língua inglesa que participam de grupos de *Facebook* e *Whatsapp*. O objetivo geral dessa pesquisa foi descobrir se o conhecimento fonético-fonológico tem alguma influência na percepção dos alunos em relação às habilidades orais de seus professores não nativos de língua inglesa, ou seja, se ter conhecimento de boa pronúncia poderia fazê-los mudar de ideia no que concerne à credibilidade desses profissionais. Os autores, cujas obras foram de extrema importância no fornecimento do embasamento teórico para este trabalho, foram: Lenneberg(1967), Krashen (1982), Krashen (2002), Timmim (2015), Garcia (1997), Darcí (2011), Hardman (2010) e Frumkin (2007). A modalidade de pesquisa escolhida para esse trabalho foi a exploratória e explicativa. Também optamos pelo modelo hipotético-dedutivo como método e pela abordagem quantitativa como meio de análise dos dados. Após as análises dos dados, não confirmamos a hipótese de que o conhecimento fonético-fonológico facilita o alcance de um nível de proficiência aceitável em língua inglesa.

Palavras-chave: Sotaque; Pronúncia; Ensino de Inglês.

ABSTRACT

The definition of accent and pronunciation and their main differences, along with the factors that rule the acquisition of a second language are the basis for the discussion proposed in this undergraduate thesis, which are the non-native English teachers oral proficiency deficits through the English students perspective who participate in Facebook and WhatsApp groups. This research's goal was to find out if the phonetics and phonology knowledge has any influence on the students perception of their non-native English teachers oral skills, that is, if being knowledgeable on good pronunciation could change their minds in regards to these professionals reliability. The authors whose works were of the most importance, providing the theoretical information to support this one, were: Lenneberg(1967), Krashen (1982), Krashen (2002), Timmim (2015), Garcia (1997), Darcí (2011), Hardman (2010) and Frumkin (2007)..The chosen type of research was the exploratory and explanatory one. We also opted for the hyphotherico-deductive model as the research method and the quantitative approach was used as the means for data analysis. After the data analyses, we did not confirm the hypothesis that phonetics of phonology knowledge is likely to facilitate the achievement of an acceptable English level.

Keywords: Accent; Pronunciation; English Teaching.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – <i>Gender.</i>	14
Gráfico 2 – <i>Nationality.</i>	15
Gráfico 3 - <i>Have you had classes with any non-native teacher?</i>	16
Gráfico 4 - <i>Do you think he/she is a good teacher?</i>	17
Gráfico 5 - <i>How do you evaluate his/her English level?</i>	18
Gráfico 6 - <i>Can you understand what he/she says during the classes?</i>	19
Gráfico 7- <i>If the previous answer was yes, how much of what he/shesays can you understand?</i>	20
Gráfico 8 - <i>In your opinion, what is the main cause of miscommunication between this non-native teacher and the students?</i>	21
Gráfico 9 - <i>How is the student's performance in his/her tests?</i>	22
Gráfico 10 - <i>Do you think that this overall performance in the tests is somehow related to your teacher's English level?</i>	23
Gráfico 11 - <i>Does the teacher master the subject?</i>	24
Gráfico 12 - <i>If the previous answer was yes, which of the following teacher's nationalities do you prefer?</i>	29
Gráfico 13 - <i>Do you believe that, by having a native English speaker as an English teacher, you would be able to speak just like a native?</i>	30
Gráfico 14 - <i>In your opinion, which of the following options is the main advantage of having a native English speaker as a teacher?.</i>	31

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Do you think having a native teacher would be better? Justify 24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	5
2.1 Sotaque e Pronúncia.....	5
2.2 O ensino de pronúncia	7
2.3 A hipótese do período crítico	9
2.4 A relação entre a afetividade e a aquisição de línguas	10
2.5 Professores de língua inglesa nativos são melhores profissionais que professores não nativos?	11
3 METODOLOGIA	14
3.1 Tipo de pesquisa	14
3.2 Universo da Pesquisa	14
3.3 Amostra.....	14
3.4 Técnica de Coleta de Dados	14
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
6 REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE.....	39

1 INTRODUÇÃO

Há cerca de 50 anos se defende que o alcance do nível ideal de fluência num idioma estrangeiro seria quase impossível e que o principal fator que leva a isso seria a faixa etária em que se iniciou essa aquisição da segunda língua. A hipótese do período crítico, que foi apoiada por Lenneberg em seu livro *Biological Foundations of Language*, publicado em 1967, sugere que, após o período compreendido entre os 2 e 12 anos de idade, o indivíduo perde a capacidade de desenvolver fluência similar à nativa e que isso se deve a um fenômeno conhecido como lateralização do cérebro, no qual as funções relativas à linguagem ficariam restritas ao hemisfério esquerdo deste.

Na condição de aprendizes da língua inglesa como segundo idioma, os professores de inglês não nativos, não fugiriam a essa regra. Sendo percebidos como menos qualificados para ensinar essa língua, sua credibilidade tem sido colocada em cheque por conta do fato de a maioria destes ainda carregar muitas deficiências fonético-fonológicas que dificultam sua colocação no mercado de trabalho internacional. Essa concepção de incompetência inerente associada aos não nativos, é motivada pelo entendimento de que seu domínio da língua inglesa nunca seria suficiente para conseguir ensiná-la de forma adequada. Segundo Péter Medgyes¹, no ensino de língua Inglesa em países tais como Inglaterra e Estados Unidos, ainda há preferência por professores que tem o inglês como primeira língua, mesmo que estes não tenham as mesmas qualificações que profissionais oriundos de outras nações. Krashen (2002, p. 103) também chama a atenção para isso ao dizer que: “ *Administrators, however, sometimes feel that being a native speaker of a language qualifies one to be a teacher of that language*²”. Isso ainda se deve por conta do entendimento de que o falante nativo possui melhor pronúncia e que esta serviria de modelo aos aprendizes

¹ Em: <<http://teachingpronunciation.pbworks.com/f/When+the+teacher+is+a+non-native+speaker.PDF>> .

² Os administradores, entretanto, as vezes sentem que ser nativo de um idioma qualifica alguém para ser professor dessa língua(Tradução nossa)

estrangeiros. Dessa forma, existe uma desvantagem ligada justamente ao nível de conhecimento fonético-fonológico dos profissionais não nativos.

Em se tratando de sotaque, existem fatores sociais que podem contribuir para as dificuldades, tanto nas relações pessoais quanto nas relações de trabalho. Segundo Frumkin (2007, p. 07), julgamentos acerca do sotaque estrangeiro ainda estão muito presentes na cultura de países que tem a língua inglesa como primeira língua. Por exemplo, em um tribunal, uma testemunha pode ter sua credibilidade colocada em cheque devido à percepção do sotaque estrangeiro que esta carrega em seu discurso.

Esses mesmos estereótipos linguísticos também dificultam a colocação, no mercado de trabalho, tanto de professores de Inglês quanto de outros profissionais. Parte do julgamento, no que concerne à competência profissional de um candidato estrangeiro, teria como base o que os empregadores pensam ser o sotaque, ou seja, os empregadores muitas vezes dão preferência a profissionais nativos partindo do pressuposto de que estes são mais competentes, uma vez que eles já têm domínio natural da língua e mais bagagem cultural. Mas, será que o que de fato estaria dificultando a colocação desses profissionais no mercado de trabalho não seria a má pronúncia?

Nesse caso, o elemento essencial, especialmente para professores, é a correta pronúncia das palavras da língua Inglesa, já que esses profissionais servirão de referência no aprendizado dos sons dessa língua. Por essa razão, até mesmo os alunos, oriundos de outros países, colocam o profissional nativo como o perfil ideal para o ensino desta língua acreditando que este já teriam as habilidades necessárias para ensinar esse idioma.

É por tudo o que já foi mencionado, que se faz necessário chamar a atenção dos docentes de língua inglesa, não nativos, para a importância do aperfeiçoamento de sua pronúncia. Não se quer, com isso, eliminar nenhum traço cultural de seus países, até porque este sempre permanecerá conservado em sua língua mãe, mas quando se fala uma língua estrangeira, especialmente para usá-la como ferramenta de trabalho, é preciso tomar precauções na hora de pronunciar as palavras para evitar prejulgamentos. Com isso, o treinamento fonético-fonológico daria a esses professores maior competitividade no mercado de trabalho internacional.

A seguinte questão foi levantada como diretriz para a pesquisa: Havendo essa desvantagem competitiva entre professores de Inglês nativos e não nativos, seria possível que esses professores de Inglês, que tem a língua inglesa como segunda língua, atingissem nível de fluência suficiente para melhorar sua credibilidade perante seus alunos?

Visto isso, a hipótese que foi formulada como possível solução do problema levantado acima é a seguinte: É provável que o conhecimento fonético-fonológico facilite o alcance de um nível de proficiência aceitável em língua inglesa.

Assim, percebe-se a necessidade de mostrar a importância do conhecimento fonético-fonológico em relação à credibilidade dos professores não nativos de língua inglesa.

Para atingir esse objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: Comparar a proficiência oral entre professor nativo e do professor não nativo levando em conta a avaliação dos aprendizes; verificar se existem diferenças tão acentuadas entre o professor nativo e não no que se refere ao desempenho em sala de aula, segundo a percepção dos alunos entrevistados; justificar a importância da correta pronúncia, tendo essa como diferencial importante no mercado de trabalho internacional.

Para dar base ao trabalho, foi vista a importância de trabalhar os conceitos sotaque e pronúncia de forma a estabelecer tanto suas diferenças quanto os efeitos de cada um desses elementos na inteligibilidade do discurso oral. Limitações de aprendizado/ aquisição ligados à idade de inicio do contato com a língua estrangeira (hipótese do período crítico), bem como fatores afetivos (hipótese do filtro afetivo), também foram levados em conta durante a escrita do trabalho, pois se entende que estes seriam as bases fundamentais para a análise dos dados. Percebeu-se, ainda, a necessidade de se fazer uma comparação entre os dois perfis de professores, nativo e não nativo, chamando atenção para suas principais forças e fraquezas no que concerne às suas respectivas performances em sala de aula. Em se tratando da análise dos dados, foram elaboradas 15 questões que foram respondidas por 42 participantes. Essas mesmas questões foram aplicadas em grupos de redes das redes sociais *Facebook* e *WhatsApp*, focando no perfil dos alunos. Todas essas questões

consistiam precisamente na análise dos dois tipos de professores da língua inglesa pela perspectiva dos aprendizes de forma a determinar o que estaria motivando a preferência destes por professores cuja primeira língua é o Inglês.

Depois de coletados os dados, foi feita a análise e discussão de cada um dos gráficos gerados que são apresentados logo abaixo das questões criadas. Finalmente, nas considerações finais, são apontadas as hipóteses que se confirmaram, bem como as que não se confirmaram, acrescentando-se recomendações acerca do que foi levantado.

A sessão a seguir tratará sobre todas as teorias, hipóteses e conceitos que regem o alvo desse estudo, ao passo em que também traz uma breve enumeração de características inerentes aos tipos de docentes já mencionados anteriormente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O sotaque é uma característica presente em todo e qualquer idioma. Entretanto, no que concerne à língua inglesa, é perceptível o efeito negativo dos sotaques estrangeiros, ou seja, o preconceito linguístico ligado a essa marca fonético-fonológica. Esta que, inclusive, pode ter variações nas esferas regional, nacional e social. Dessa forma, muitos nativos da língua inglesa parecem fazer um esforço consciente para rejeitar sotaques estrangeiros alegando que não conseguem entender as pessoas que o tem. Entretanto, se partirmos do pressuposto de que não é o sotaque que prejudica a comunicação, podemos então dizer que este comportamento pode ser ou pura xenofobia ou pode realmente haver algo de verdadeiro nisso, mas não ligado ao sotaque. Aquilo que muitos entendem como “Um sotaque forte” pode, na maioria das vezes, ser apenas a má pronúncia. Mesmo assim, o “sotaque” tem sido apontado como um obstáculo na colocação no mercado de trabalho internacional. Pensando nisso, foi vista a necessidade de fazer a correta distinção entre sotaque e pronúncia errônea, investigar o porquê da dificuldade que a maioria dos adultos tem para aprender a pronúncia de línguas estrangeiras, compreender o processo de ensino de pronúncia feito até então e comparar os professores nativos e não nativos de forma a determinar suas respectivas forças e fraquezas no que se refere ao desempenho em sala de aula.

2.1 Sotaque e Pronúncia

De acordo com ACCENT ACE³ que é uma empresa americana que trabalha justamente na área de redução de sotaque, o sotaque é um termo mais comumente utilizado para se referir à entonação e ritmo que cada língua naturalmente tem, sendo um tanto diferente da pronúncia, onde a preocupação está nos sons da língua, tal como é colocado a seguir: *pronunciation refers to the sounds of the language while accent examines the rhythm, stress and intonation*

³ Em: <<http://www.accentace.com/pronunciation-vs-accent/>> .Acesso em: 15/01/2017. 11:13

*patterns of words, phrases and ultimately your communication in your new language.*⁴

Já o dicionário eletrônico YOUR DICTIONARY⁵dá a seguinte definição: *a manner of articulating the sounds of another language that is influenced by the phonology of one's native language*⁶. Nessa definição o sotaque é entendido como uma maneira particular de articular as palavras usando padrões fonológicos da língua nativa.

A ACCENT ACE justifica a importância da redução do sotaque pelo fato de este, assim como a pronúncia, também interferir na comunicação. Dessa forma, o cérebro teria mais facilidade para executar a correção mental de erros de pronúncia em detrimento ao sotaque.

*The music of the language is precisely what native speakers need to hear more than the correct pronunciation of sounds. The brain is wired to correct the mispronunciation of sounds made by nonnative speakers more quickly than it can plug in the correct rhythm patterns. Therefore, it makes sense to learn the rhythm and intonation patterns of your second language in order to assist your listeners.*⁷₈

Mas, em se tratando de línguas, parece um tanto estranho se falar em uma redução de sotaque. Primeiro porque, mesmo que alguém realmente consiga alcançar fluência parecida com a dos nativos, adotando o ritmo e entonação característicos da variedade linguística escolhida, o que esta pessoa terá feito é adquirir outro sotaque e não uma redução, como se fala acima.

Desta forma, mesmo uma pessoa não nativa, que tenha uma pronúncia praticamente perfeita, ainda carregará um sotaque em seu discurso. Portanto,

⁴ Pronúncia se refere aos sons da língua enquanto sotaque examina os padrões de ritmo, tonicidade a entonação das palavras e frases e, acima de tudo, sua comunicação em sua nova língua.(Tradução nossa).

⁵ <http://www.yourdictionary.com/accent>

⁶ Uma maneira de articular os sons de outra língua que é influenciada pela fonologia da língua nativa de alguém. (Tradução nossa)

⁷ A “música da língua” é certamente o que os nativos mais precisam escutar em relação à correta pronúncia das palavras. O cérebro está programado para corrigir erros de pronúncia feitos por não nativos mais rapidamente do que faria na presença de padrões rítmicos diferentes. Portanto, faz sentido aprender os padrões de ritmo e entonação para facilitar a vida de seus ouvintes.(Tradução nossa)

⁸ Em: <<http://www.accentace.com/pronunciation-vs-accent/>> .Acesso em: 15/01/2017. 11:13

falar em reduzir sotaque é absurdo e totalmente fora da real necessidade comunicativa e, nesse contexto, é preciso concentrar os esforços na pronúncia correta das palavras, ou seja, na articulação dos sons das palavras para permitir a inteligibilidade de informações.

Também é importante destacar que, mesmo sotaques oriundos de povos nativos da língua inglesa podem ser um tanto difíceis de compreender, como no caso do sotaque australiano que, aliás, é considerada a variedade de língua Inglesa mais difícil do mundo. Assim, a afirmação de que os não nativos devem se preocupar em “reduzir seu sotaque”, é um tanto falaciosa. Afinal, é com a pronúncia que se dever ter maior preocupação para evitar mal-entendidos e, assim, maximizar o entendimento do que se quer falar.

2.2 O ensino de pronúncia

Durante muito tempo não se tem dado muito importância ao ensino da correta pronúncia em língua inglesa, fato esse que é visível nas escolas públicas, onde há um grande foco na gramática desta. Também são poucos os professores de inglês que realmente possuem a proficiência necessária para guiar seus alunos nesse aspecto da língua.

Outro fator que corrobora para essa ineficiência é a falta de uma metodologia adequada a pessoas que nunca tiveram contato com a língua - só o que se tem são materiais destinados a pessoas que já tem conhecimento vocabular e gramatical.

Mas, por que motivo se deve dar tanta importância a um aspecto da língua que muitos acreditam não influenciar tanto na inteligibilidade? Esse discurso tem servido de desculpa para o não foco nessa habilidade, fazendo com que boa parte dos aprendizes simplesmente a deixem de lado na ilusão de que serão entendidos mesmo cometendo alguns erros. Tal postura, por muitas vezes, só acaba levando o aprendiz a se frustrar, já que, por mais que tente, não conseguirá fazer-se entendido. Por esse motivo, é preciso que sejam desenvolvidas novas metodologias no intuito de aumentar a precisão com que certos fonemas são produzidos, assim buscando-se uma aproximação em relação às variedades

padrões da língua. Nesse contexto, a correta pronúncia é de fundamental importância na comunicação, uma vez que os nativos conseguem lidar mais facilmente com fonemas que já fazem parte de seu cotidiano⁹.

Lidar com fonemas de uma língua estrangeira certamente não é uma tarefa fácil, já que o aprendiz deve aprender a articular sons com os quais não está acostumado. Por exemplo, a junção *th*, muito presente na ortografia das palavras de língua inglesa, possui os fonemas /θ/ e /ð/, que são problema para muitos brasileiros, visto que esses sons não existem no Português. Também há um problema ligado ao grafema “e” que geralmente não aparece na pronúncia de algumas palavras, quando este vem ao final destas e acompanhado de uma consoante, de forma que a maioria dos brasileiros, por estar acostumado com uma língua em que a relação entre a escrita das palavras e suas respectivas pronúncias é bem clara, acaba por não atentar para esse detalhe. Outro problema muito comum na hora na fala são as variações no tempo de execução de sons vocálicos, ou seja, a existência de fonemas vocálicos curtos e longos. É o que ocorre, por exemplo, com sons vocálicos tais como nos fonemas /ɪ/ e /i:/ que podem ser observados, por exemplo, nas palavras “fit” e “feet” ou nas palavras “ship” e “sheep” respectivamente. Finalmente, uma grande dificuldade estaria também no fato de a junção “ch” poder representar os fonemas /tʃ/, /ʃ/ e /k/, dependendo da palavra em que esses grafemas aparecem, tal como pode ser visto nas palavras “chance”, “chef” e “chemistry”. Geralmente não existem regras que ajudem a prever a pronúncia das palavras tendo como base sua grafia, salvo algumas exceções. Diferenças sonoras tão discretas parecem inofensivas, mas podem provocar prejuízo na comunicação e, consequentemente, na ocorrência de situações constrangedoras para o falante e, por isso, é preciso muito esforço para que se possa chegar a um nível de proficiência que seja aceitável pelas comunidades que tem esta língua como L1.

⁹ Em: <<http://ilevis.public.iastate.edu/Proceedingsfrom3rdPSLLT%20updated.pdf>>. Acesso em: 06/12/2016. 21:55.

2.3 A hipótese do período crítico

Essa seria uma limitação de desenvolvimento linguístico ligada, justamente, à faixa etária em que se começa a aprender uma língua. Segundo essa hipótese, ao passo em que ocorre o crescimento e amadurecimento cerebral, as funções linguísticas são totalmente transferidas para o hemisfério esquerdo do cérebro de modo que este se especializa nisso, fenômeno que tem seu fim na puberdade. Isso leva à conclusão de que é muito mais fácil para pessoas muito novas adquirirem pronúncia similar à dos nativos da língua alvo. Dessa forma, segundo essa hipótese, quanto mais velha, menor é a possibilidade de uma pessoa adquirir uma língua estrangeira com a eficiência que se espera. (Lenneberg ,1967, apud Krashen, 2002, p. 72).

Para dar suporte à sua hipótese, Lenneberg (1967, p. 150) discorre sobre o fenômeno neurológico conhecido como afasia, que é a perda total ou parcial da habilidade linguística devido à trauma craniano ou acidente vascular cerebral, ou seja, a perda da capacidade de fala e de entendimento do discurso produzido por terceiros. Lesões na parte esquerda do cérebro, que seria a responsável pela linguagem, prejudicariam para sempre as funções ligadas à fala em indivíduos a partir dos 12 anos de idade.

Também é explicado que, no início do desenvolvimento cognitivo infantil, o cérebro tem maior facilidade para transferir as funções ligadas à linguagem para a hemisfério sadio, no caso de o outro ter sido danificado e removido. Dessa forma, não ocorre afasia.(LENNEBERG, 1967, p. 152).

Essa mesma transferência também ocorre de forma natural, com lesões no tecido cerebral ou não, de forma que, com o passar do tempo, o hemisfério direito vai cessando seu envolvimento no processamento da língua, ficando esta majoritariamente a cargo de hemisfério esquerdo (LENNEBERG , 1967, p. 151).

Com essas evidências, Lenneberg (*ibid*) procura mostrar que o período por ele mencionado, dos 2 aos 12 anos, é mais favorável à aquisição de línguas, já que, de acordo com o que foi visto anteriormente, pacientes com idade maior ou igual a 12 anos, tiveram maior dificuldade para recuperar sua habilidade de fala após passar pelo procedimento cirúrgico conhecido como hemisferectomy

(remoção de um dos hemisférios do cérebro que tiveram dano em seus tecidos), enquanto paciente infantis, conseguiram recuperação total dessa habilidade.

Essa barreira etária, teoricamente, diminui consideravelmente ou elimina a chance de um adolescente ou adulto adquirirem a segunda língua da mesma forma que fizeram com sua língua mãe, quer dizer, através da mera exposição. O adulto ainda teria como adquirir a segunda língua, mas não o faria com tanta perfeição quanto se começasse esse processo já durante a infância.

2.4 A relação entre a afetividade e a aquisição de línguas

De acordo com Krashen (2002, p. 77), existe outro elemento que pode inibir a aquisição de uma segunda língua com a precisão que, teoricamente, poderia ser obtida na faixa etária mencionada por Lennenberg (1967, p. 151). No período de transição entre a infância a adolescência, haveriam mudanças ligadas à parte emocional, ou seja, mudanças que acabam por criar um “filtro afetivo” no que diz respeito à informações às quais o jovem é exposto, de forma que ele, subconscientemente, rejeita as novas informações. Dessa maneira, o pré-adolescente assume uma postura defensiva para evitar a exposição à situações que considera constrangedoras ou inadequadas.

Com isso, é possível concluir que esse constante policiamento quanto ao que se faz acaba também refletindo em relutância quanto ao que se diz, o que desencoraja esse aluno a se arriscar em suas primeiras tentativas de produzir um discurso em língua estrangeira. O medo de ser ridicularizado e a necessidade de se encaixar em um grupo fazem com que essa pessoa perca o condicionamento psicológico necessário para a eficiência dessa aquisição.

Tendo em vista que o filtro afetivo pode dificultar a aquisição da segunda língua, o professor deve criar situações que tornem o ambiente de sala de aula mais amigável e, portanto, deixar o aprendiz relaxado o suficiente para que possa mostrar tudo o que já adquiriu sem ter que se preocupar com eventuais erros. Segundo Krashen (2009, p. 39), para tornar a sala de aula um ambiente propício à aquisição, também é preciso que o professor forneça material pedagógico que possa ser compreendido pelo aluno, fazendo com que o filtro afetivo permita a internalização de mais informações.

A sala de aula não pode ser tida apenas como um local onde se realizam atividades que consistem na pura exposição passiva ao conteúdo, sendo crucial usar esse momento de interação entre professor e aluno como uma oportunidade de praticar o que já se sabe. A aquisição de línguas é um processo cumulativo, o que significa que para haver progresso, é necessário colocar em constante uso todo o vocabulário e conhecimento gramatical já visto em sala, unindo esse conhecimento prévio às novas informações obtidas durante a aula, informações essas que, sob a responsabilidade do professor, não podem ser completamente novas, ou seja, é preciso que exista uma interseção entre o novo conteúdo e o que o aprendiz já sabe. Portanto, é papel do professor buscar maneiras de “quebrar” o filtro afetivo.

2.5 Professores de língua inglesa nativos são melhores profissionais que professores não nativos?

À primeira vista, essa diferença parece ser óbvia. Os nativos, por terem a língua inglesa como L1, realmente tem um conhecimento vocabular e de pronúncia superior à maioria dos não nativos e é essa diferença que acaba por influenciar em seus respectivos desempenhos no ambiente de sala de aula. Enquanto o professor nativo tem mais condições de usar a língua com mais flexibilidade, o não nativo fica limitado a usar apenas os aspectos da língua que mais conhece. Também é notável que os professores não nativos, por terem pouco conhecimento cultural, acabam por dar um foco exagerado na gramática. Visto isso, existe uma constante tentativa, por parte dos professores não nativos, de esconder suas deficiências.

Não se pode esquecer que esses professores ainda são aprendizes da matéria que ensinam e é esse paradoxo que acaba fomentando o estereótipo linguístico ligado ao inglês que é falado por esses profissionais. Se diz estereótipo porque não existe homogeneidade no nível de inglês falado por estrangeiros, ou seja, obviamente existem diferenças de níveis entre os não nativos. Diferenças essas que podem ser tão acentuadas que muitos não nativos são capazes de atingir nível de fluência muito similar ao dos nativos, mesmo tendo adquirido o idioma de forma mais tardia, tendo como referência temporal o período crítico. Como Krashen (2009, p. 45) informa que: “*some adults still retain much of*

children's natural capacity for language acquisition and may even be taken as natives".¹⁰ Portanto, o alcance do nível de fluência próximo ao dos nativos seria possível através de treinamento adequado.

De acordo com García(1997, p. 73), o sotaque, por muitas vezes, acaba por prejudicar a inteligibilidade das informações passadas pelo emissor, o que, em sala de aula, impossibilitaria o aprendizado do aluno. Isso, consequentemente, levaria o aprendiz a duvidar da competência técnica de seu professor ao perceber que este não detém a habilidade necessária para se comunicar de forma natural, tal como é feito pelo professor nativo.

A despeito disso, a dificuldade que mais é mencionada no trabalho citado anteriormente é a pronúncia, fator que nada tem a ver com o sotaque. A análise feita no trabalho acima citado parece um tanto equivocada, pois confunde os conceitos sotaque e má pronúncia. Nessa perspectiva, é a pronúncia ruim desses profissionais que tem abalado sua credibilidade perante seus alunos.

Alunos são perfeitamente capazes de perceber quando um professor tem ou não segurança quanto às informações que passa e, constantemente, testam seu professor de línguas ao fazerem algum questionamento quanto à veracidade de tais informações. O professor não nativo acaba por adotar uma postura defensiva na tentativa de fugir da discussão e, assim, evitar uma situação embaraçosa. Por consequência, o aprendiz acaba perdendo a motivação, pois comprehende que não conseguirá aprender com alguém, que assim como ele, não tem domínio do idioma alvo.

Tudo isso leva à crença na superioridade do professor nativo em relação ao não nativo. É claro que, os professores não nativos têm suas vantagens como, por exemplo, a possibilidade de estes compartilharem a mesma língua mãe com seus aprendizes, ou o fato de, na condição de aprendizes, podem ser exemplos de pessoas bem sucedidas no processo de aquisição de uma segunda língua, ou seja, certos professores não nativos acabam por ter melhor noção do caminho que se deve tomar para alcançar esse sucesso. Entretanto, no ensino feito em Instituições localizadas em países que tem o Inglês como L1, essa vantagem rapidamente desaparece.

¹⁰ Alguns adultos ainda retêm muito da capacidade natural das crianças para adquirir línguas e podem, até mesmo, se passar por nativos.(Tradução Nossa)

Ao lecionar nessas escolas, o profissional terá que lidar com alunos de diferentes nacionalidades, fato que o força a usar somente a língua Inglesa em sala. Diante da impossibilidade de fazê-lo, devido às deficiências fonético-fonológicas, pobre conhecimento vocabular e cultural, o profissional se veria em desvantagem em relação ao colega nascido em um país onde o Inglês é sua primeira língua. Outro elemento de peso são as metodologias empregadas nessas instituições que também exigem alto nível de fluência em sua aplicação. Isso, com certeza, seria o motivo por trás da não contratação desses docentes, uma vez que qualquer instituição que preze por sua reputação no mercado de ensino de língua inglesa (não se pode esquecer que isso é um negócio) tem profunda preocupação com a opinião de seus clientes em relação aos funcionários contratados.

A próxima sessão tratará sobre o tipo de pesquisa escolhido para este estudo, o universo da pesquisa, a técnica empregada para a coleta dos dados e a amostra coletada (numero de participantes da pesquisa).

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa em questão é do tipo exploratória e explicativa. É exploratória pois consiste, primeiramente, na busca de dados relativos ao fenômeno em foco, sendo, também, explicativa porque tem a pretensão de explicar o fenômeno a que se propõe, mostrando as razões para sua ocorrência e apontando as possíveis soluções. Quanto à metodologia, optou-se pelo método hipotético-dedutivo. Esta se justifica pelo fato de a pesquisa se valer de hipóteses que serão usadas como diretrizes na dedução de informações, ou seja, obtenção de informações por meio da interpretação de dados previamente coletados. A abordagem quantitativa foi utilizada na análise dos dados, tendo em vista que os resultados serão apresentados por meio de gráficos e tabelas.

3.2 Universo da Pesquisa

O universo da pesquisa foi formado por todos os alunos de língua inglesa que tenham perfis cadastrados em grupos do *facebook* e *whatsapp*.

3.3 Amostra

A amostra foi constituída por 42 alunos a serem entrevistados em grupos do *facebook* e *whatsapp*.

3.4 Técnica de Coleta de Dados

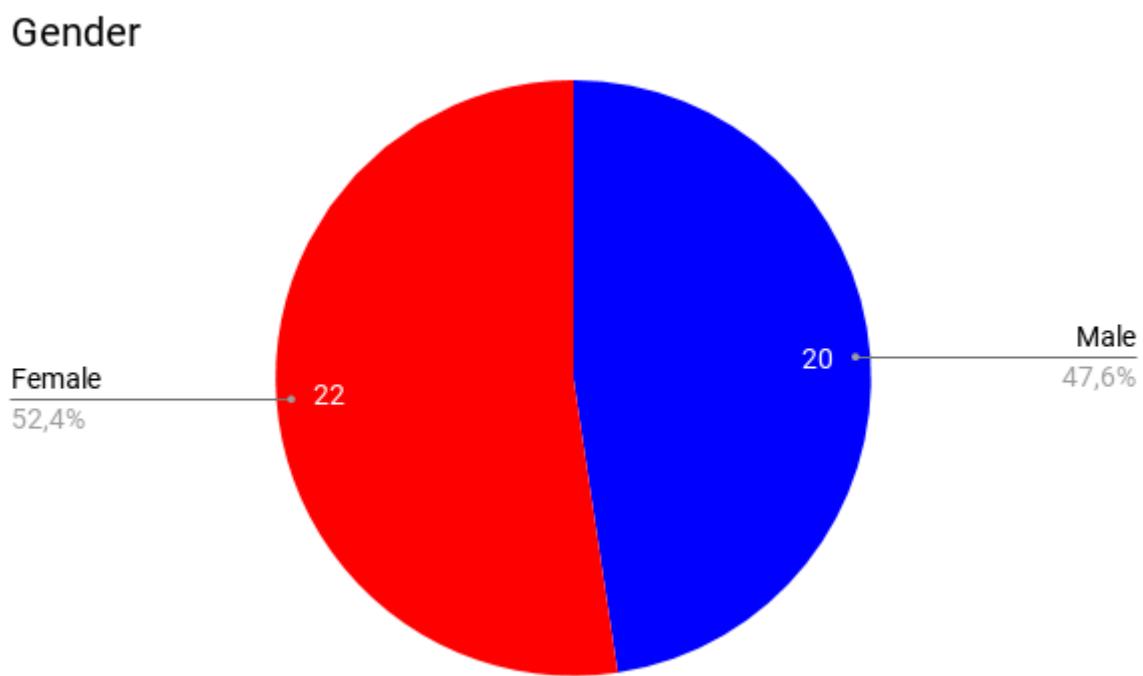
Um questionário *online* (*online survey*) foi utilizado como técnica de coleta de dados. O mesmo foi disponibilizado em grupos de aprendizes de Língua Inglesa no *facebook* e *whatsapp*.

Na seguinte sessão, serão dispostos e discutidos os gráficos gerados após a tabulação dos dados obtidos na pesquisa. Também será colocada uma tabela com as informações obtidas na única questão subjetiva do questionário.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta seção tem, por objetivo, apresentar e organizar os dados obtidos durante a pesquisa. A fim de alcançar o objetivo proposto, foi elaborado um questionário contendo um total de 15 questões, sendo que das quais 14 são questões objetivas e somente 1 é subjetiva. A coleta dos dados aconteceu durante os meses de abril a julho por meio de questionário online aplicado em grupos do *facebook* e *whatsapp*.

Gráfico 1 – *Gender*¹¹



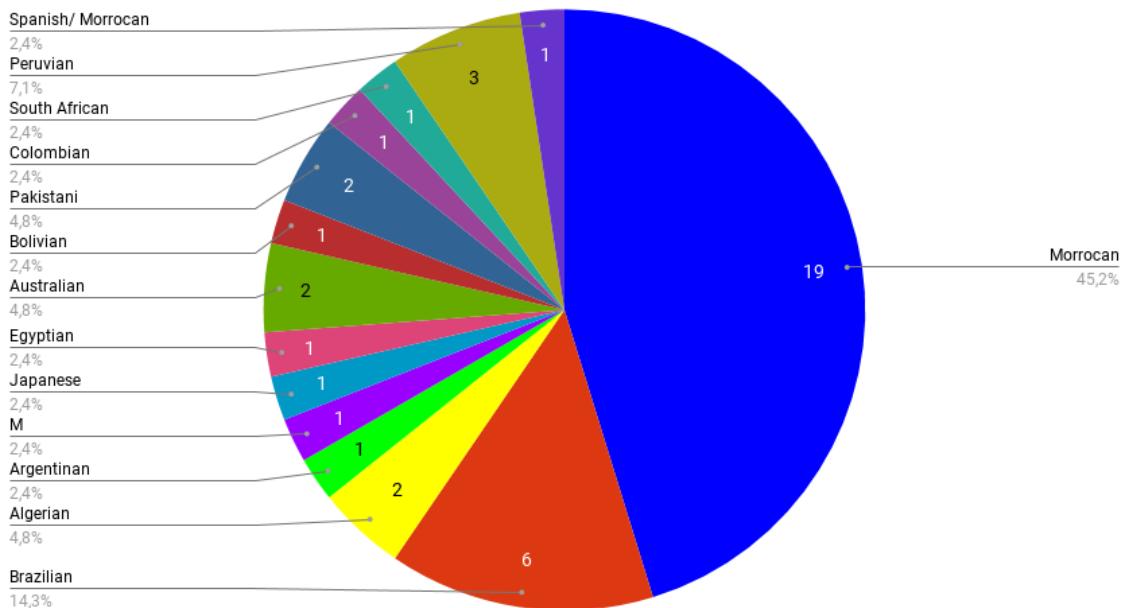
Fonte: o autor

Conforme mostra o gráfico 1 acima, 52,4% dos entrevistados são do sexo feminino e 47,6% são do sexo masculino.

¹¹ Gênero

Gráfico 2 – *Nationality*¹²

Gender



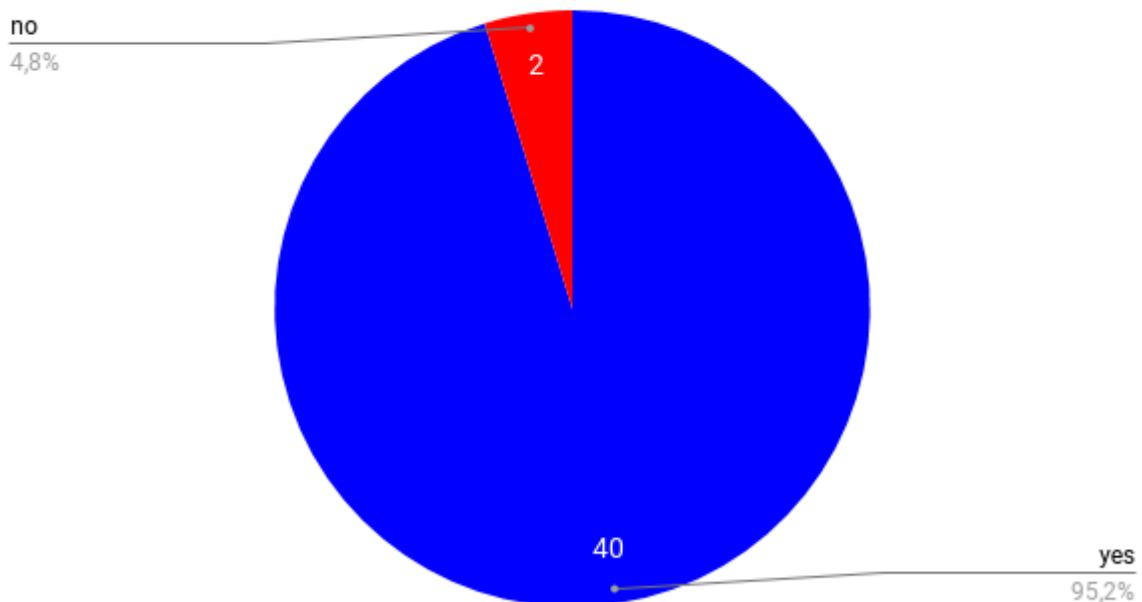
Fonte: o autor

O gráfico 2 mostra as nacionalidades dos entrevistados: 45,2% dos entrevistados é composta por marroquinos (*Moroccan*), 14,3% são Brasileiros (*Brazilian*), 2,4% são Argentinos (*Argentinan*), 4,8% são Algérios (*Algerian*), 2,4% são Espanhois/ Marroquinos (*Spanish/Moroccan*), 7,1% são Peruanos (*Peruvians*), 2,4% são Sul-Africanos (*South African*), 2,4% são Colombianos (*Colombian*), 4,8% são paquistaneses (*Pakistani*), 2,4% são Bolivianos (*Bolivian*), 4,8% são Australianos (*Australians*), 2,4% são Egípcios (*Egyptian*), 2,4% são Japoneses (*Japanese*) e 2,4% são M(nacionalidade não determinada já que o entrevistado colocou apenas a inicial).

¹² Nacionalidade

Gráfico 3 - *Have you had classes with any non-native teacher?*¹³

Have you had classes with any non-native teacher?



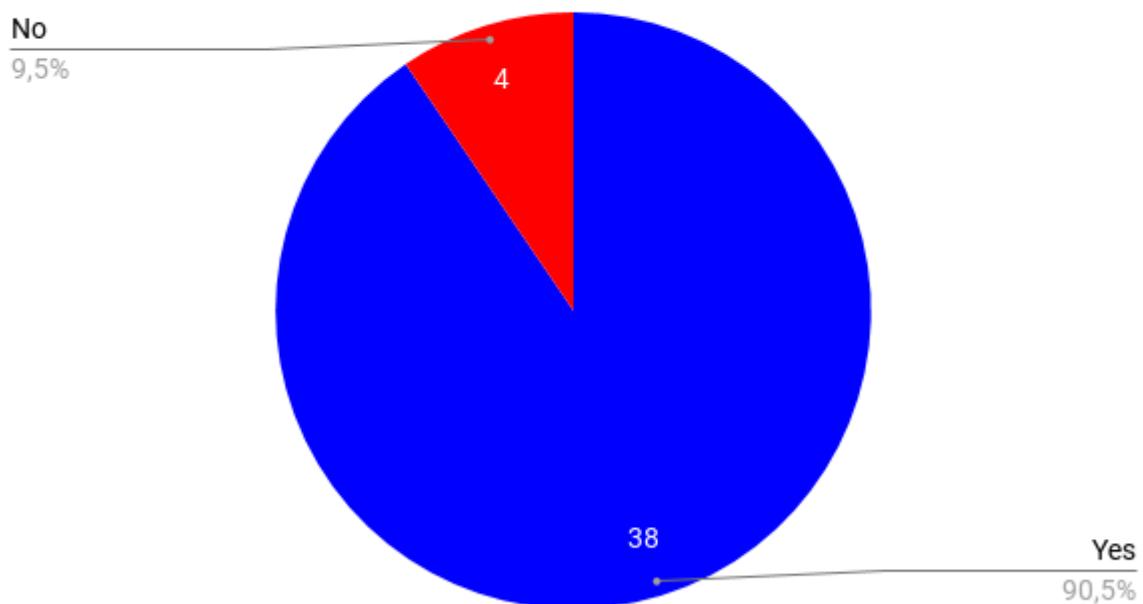
Fonte: o autor

O gráfico 3 mostra que: 95% dos entrevistados afirmou ter tido aulas com um professor não nativo, enquanto 4,8 % disseram que não tiveram.

¹³ Você já teve aulas com algum professor não nativo?.

Gráfico 4 - *Do you think he/she is a good teacher?*¹⁴

Do you think he/she is a good teacher?



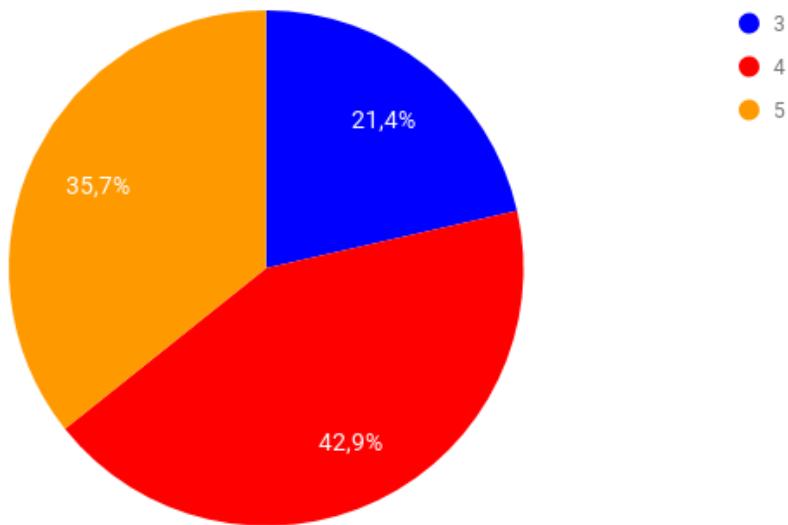
Fonte: o autor

O gráfico 4, expõe informações relativas à opinião dos entrevistado acerca da competência do professor não nativo com o qual os eles tiveram contato. 90,5% responderam que seus professores eram bons, 9,5 % responderam que seus professores não eram bons. Essa distinção de bom ou ruim está relacionada à opinião geral que o aprendiz tem em relação ao desempenho didático do professor, ou seja, se seu estilo de lecionar agrada ao aprendiz.

¹⁴ Você acha que ele/ela é um bom professor?.

Gráfico 5 - *How do you evaluate his/her English level?*¹⁵

How do you evaluate his/her English level?



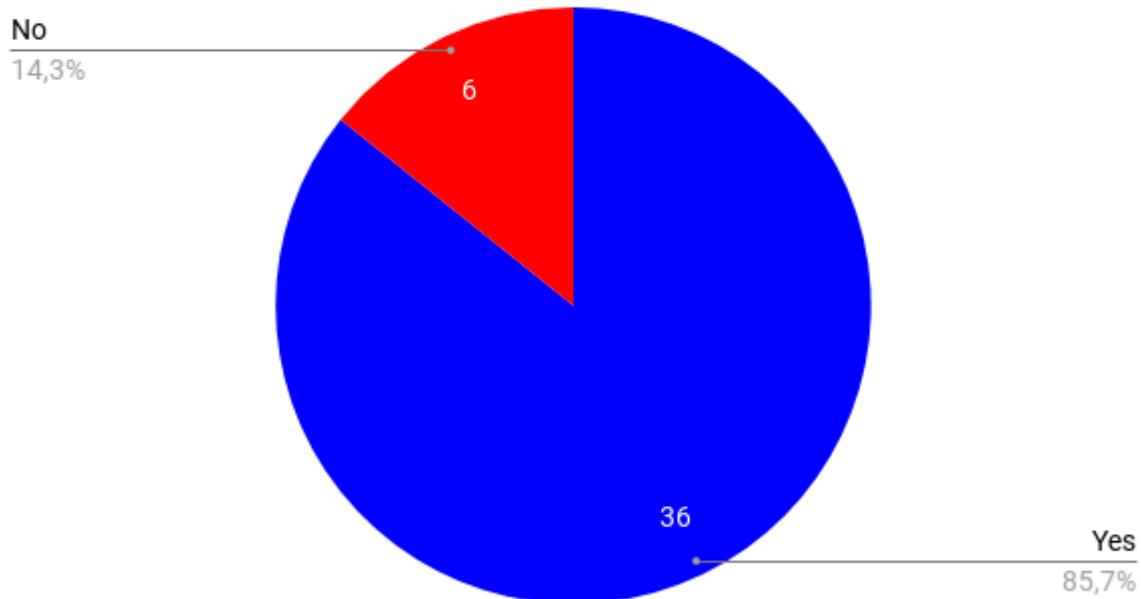
Fonte: o autor

No gráfico 5, o que está sendo avaliado é a nível de conhecimento da língua inglesa por parte dos professores não nativos com os quais os entrevistados tiveram contato. Para isso, foi colocada uma questão em que o aluno escolhia o nível mais adequado numa escala que ia de 1 a 5 sendo que para estes temos as classificações que vão de muito ruim a excelente, respectivamente. As demais(2, 3 e 4) equivaleriam a ruim, bom e muito bom respectivamente. Um percentual bastante considerável dos entrevistados (35, 7%) classificou o nível de inglês dos professores não nativos com os quais tiveram contato como excelente. 42, 9% dos aprendizes classificaram o nível de seus professores como sendo muito bom e somente 21, 4 % os classificaram como ruins em termos de qualidade das habilidades na língua Inglesa(Escuta, fala, leitura e escrita). Também é possível perceber que nenhum dos entrevistados escolheu as opções equivalentes a ruim ou muito ruim.

¹⁵ Como você avalia o nível de Inglês dele/dela?.

Gráfico 6 - *Can you understand what he/she says during the classes?*¹⁶

Can you understand what he/she says during the classes?



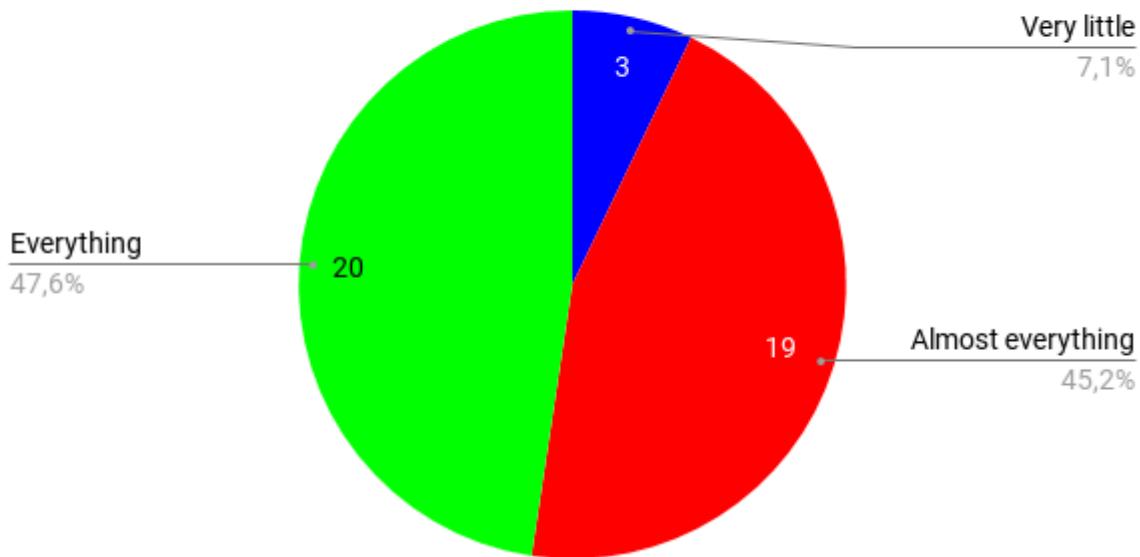
Fonte: o autor

O gráfico 6 avalia a inteligibilidade das informações passadas pelo professor. De acordo com o gráfico acima, 85,7% dos entrevistados relataram serem capazes de compreender o que é falado pelo professor durante as aulas e somente 14,3% relataram que não conseguem entender.

¹⁶ você consegue entender o que ele/ela diz durante as aulas?.

Gráfico 7 - *If the previous answer was yes, how much of what he/she says can you understand?*¹⁷

If the previous answer was yes, how much of what he/she says can you understand?



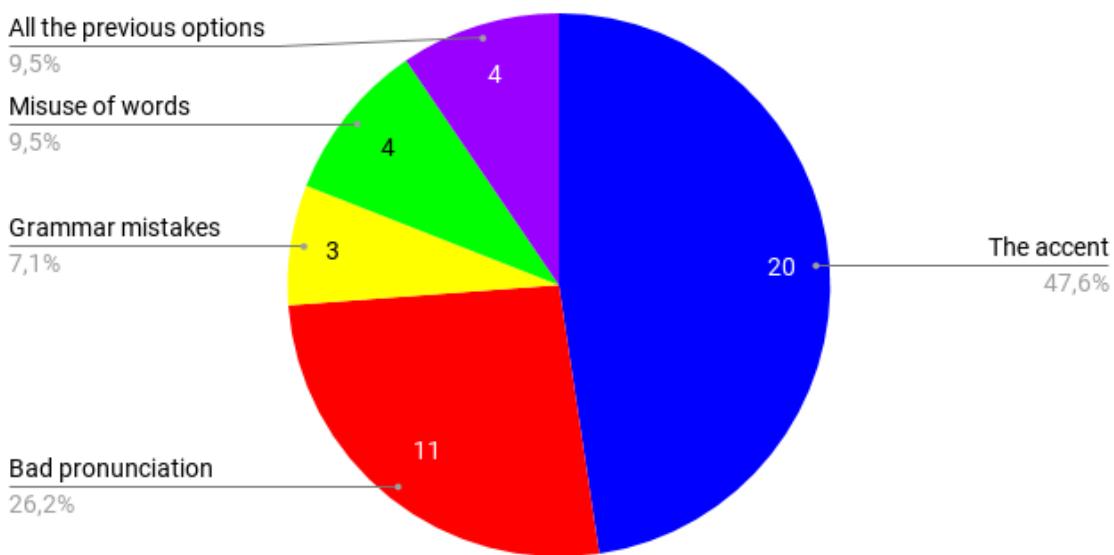
Fonte: o autor

O gráfico 7 se refere ao nível de compreensão daqueles que deram resposta positiva para a questão anterior. Os níveis estão divididos em *very little*, *Almost everything* e *Everything*, de forma que estes equivalem a pouquíssimo, quase tudo e tudo na língua portuguesa respectivamente: 47, 6% afirmou ser capaz de compreender tudo o que é falado durante as aulas, 45, 2% respondeu que consegue compreender quase tudo o que é falado, 7, 1 % relataram não conseguir compreender o que era falado. Essa pergunta ainda se refere ao professor não nativo.

¹⁷ Se a resposta anterior foi sim, quanto do que ele/ela diz você consegue entender?.

Gráfico 8 - *In your opinion, what is the main cause of miscommunication between this non-native teacher and the students?*¹⁸

In your opinion, what is the main cause of miscommunication between this non-native teacher and the students?



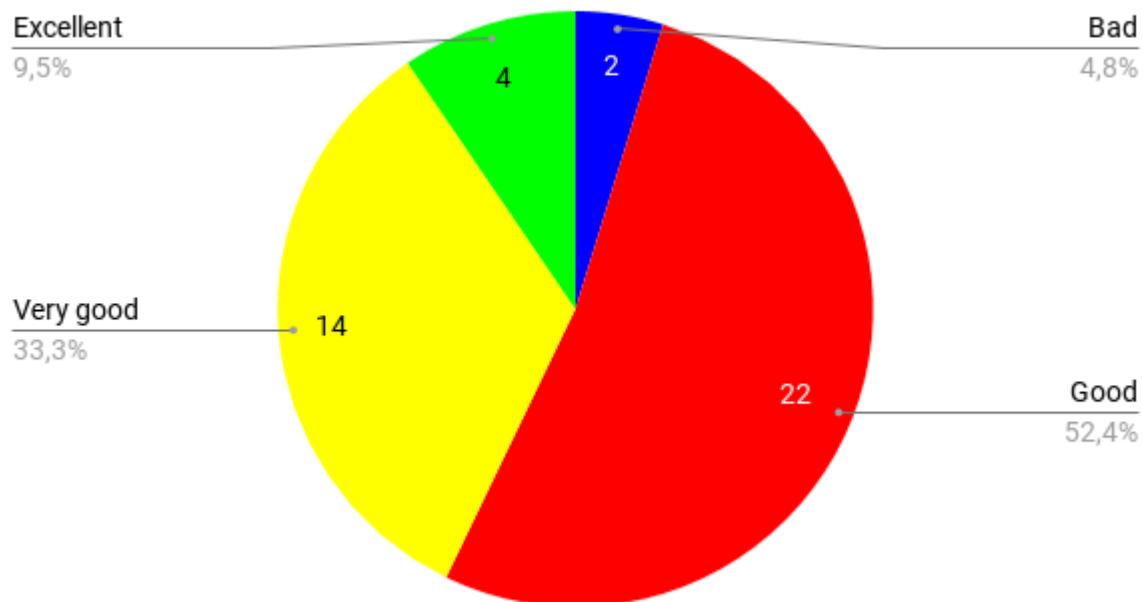
Fonte: o autor

No gráfico 8, o foco de avaliação é o fator causador dos problemas de comunicação existentes entre o aluno e o professor não nativo: 47,6 % dos entrevistados, respondeu que o fator causador dos problemas de comunicação seria o sotaque(*Accent*), enquanto 26,2% respondemos que seria a má pronuncia(*Bad Pronunciation*). Mau uso de palavras(*Misuse of words*) isto é, o uso de palavras em contexto nos quais estas não se encaixam, foi algo relatado por 9,5 % dos participantes e o mesmo vale para os erros de gramática(*grammar mistakes*) e para a opção que colocava todas as outras como impedimento à inteligibilidade , com seus respectivos percentuais 7,1% e 9,5 %.

¹⁸ Em sua opinião, qual é a principal causa de falta de comunicação entre o professor não nativo e os alunos?.

Gráfico 9 - *How is the student's performance in his/her tests?*¹⁹

How is the students' performance in his/her tests?



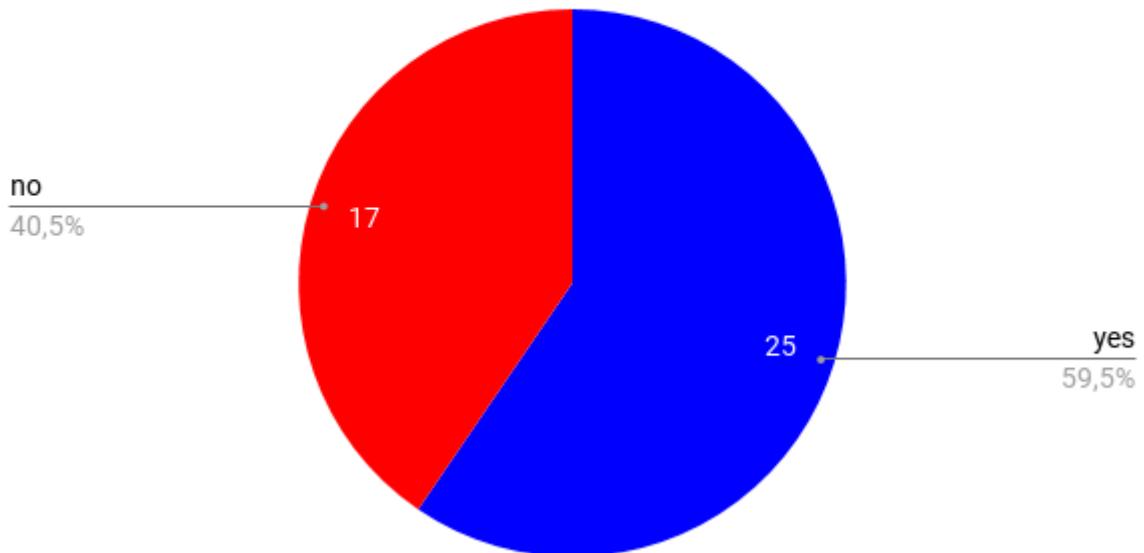
Fonte: o autor

O gráfico 9 disponibiliza informações no que concerne ao desempenho em geral em termos de nota dos alunos: 54,4% relataram que o desempenho é bom (*Good*), 33,3 % disseram ser muito bom(*very good*), 9,5% disseram ser excelente(*Excellent*) e somente 4,8 % relataram que esse desempenho é ruim (*Bad*).

¹⁹ Como é o desempenho dos alunos nas provas dele/dela?.

Gráfico 10 - *Do you think that this overall performance in the tests is somehow related to your teacher's English level?*²⁰

Do you think that this overall performance in the tests is somehow related to your teacher's English level?



Fonte: o autor

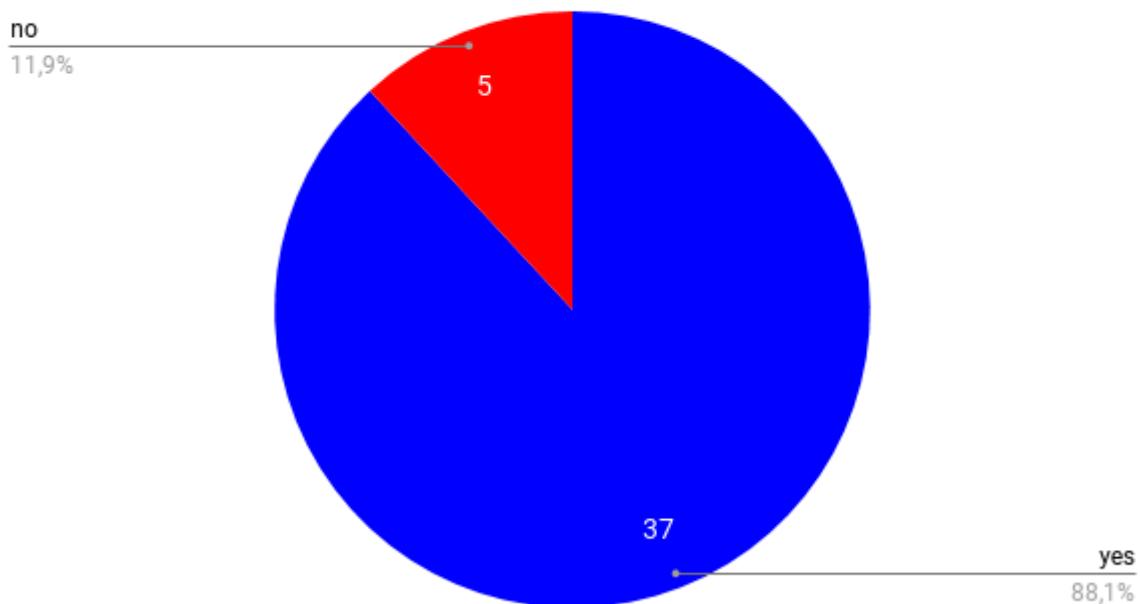
O gráfico 10 disponibiliza informações referentes às opiniões dos entrevistados sobre a possibilidade desse desempenho ter alguma relação com o nível de conhecimento da língua inglesa de seu professor. 59,5% dos participantes disseram que sim e 40,5% disseram que não.

Gráfico 11 - *Does the teacher master the subject?*²¹

²⁰ Você acha que esse desempenho geral está de alguma forma relacionado ao nível de seu professor de língua Inglesa?

²¹ O/A professor (a) domina o conteúdo?.

Does the teacher master the subject?



Fonte: o autor

No gráfico 11, em que os alunos deveriam dizer se seus respectivos professores tinham um bom domínio de conteúdo, a maioria (88, 1%) respondeu positivamente e o restante(11, 9%) respondeu de forma negativa. Não há como saber em que nível os entrevistados estão, já que podem haver pessoas de vários níveis diferentes entre eles. Sua compreensão do domínio que o professor tem em relação ao conteúdo pode variar, mas um fator que pode influenciar nesse julgamento é o nível de segurança quanto ao que é ministrado. Isso pode ser percebido muito facilmente pelo tom de voz durante a aula e uma série de outros sinais que podem demonstrar desequilíbrio emocional, o que as pessoas que assistem à aula podem interpretar como falta de domínio. Um outro sinal disso pode surgir durante os estudos que o aluno faz em casa, ao comparar as informações passadas pelo professor com outras fontes.

Respostas subjetivas:

Quadro 01

<i>Do you think having a native teacher would be better? Justify²²</i>	
Respostas positivas, mas não justificadas	<ul style="list-style-type: none"> • Yes; • Yes; • Yes; • Yes.
Respostas positivas e justificadas	<ul style="list-style-type: none"> • Yeah because It is good it have a person who is mastering the language because its his mother thung; • Of course It would be better because even though this teacher has a quite good level, there's always something additional for her to learn; • Yes, they're inherently better acquired with native English colloquialisms, idioms, phrasal verbs and all that makes a casual conversation in English flow more smoothly; • Yes, learning a language from a native teacher gives you more opportunities to learn and know a lot about this language; • Yes because the native speaker would have a good mastery of the language and also his/her pronunciation would

²² Você acha que seria melhor ter um professor nativo? Justifique.

	<p><i>help students understand and speak in the appropriate way;</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>A native teacher would not only teach me the language but its culture as well. Whereas a non-native would teach me formal English only;</i> • <i>I can 100 % rely on them;</i> • <i>Yes, sure. Better communication in L1;</i> • <i>Accent, the pronunciation and the way he teaches;</i> • <i>Yes because he will be more effective;</i> • <i>Yeah because native teacher can better elaborate grammar and pronunciation;</i> • <i>Yes, I do. If the teacher has a bachelor or a (under)degree in pedagogy or language didactics;</i> • <i>Because It allows us to learn accent better and.....;</i> • <i>Yes, because the accent is very important.</i>
Respostas negativas, mas não	<ul style="list-style-type: none"> • <i>No, I don't;</i>

justificadas.	<ul style="list-style-type: none"> • No; • No; • No.
Respostas negativas e justificadas	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Not really, almost all the teachers I studied with are good and speak English perfectly;</i> • <i>No the accent would be definitely a negative factor that will hinder the good comprehension by his students;</i> • <i>No, I do not, because a native's accent and way of pronunciation might be difficult for students to retain, unlike a non-native whose pronunciation might be understandable for his students;</i> • <i>No, whether the teacher is native or not is unimportant to me, as long as they are qualified to teach and have enough qualifications, my teacher can be from anywhere;</i> • <i>No because I'm interested in British accent;</i> • <i>Not exactly, because non native teachers have an excellent knowledge of the language.</i>
Respostas neutras	<ul style="list-style-type: none"> • <i>The only difference between a native teacher and a non-native is the accent. Having a native would be good but it's</i>

	<p><i>not crucial;</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>It's the same thing, what matters is the way the teacher transfers the idea and explains the lesson and not being a native or not;</i> • <i>It's the same I only care about learning I don't care about the accent;</i> • <i>I really don't know because I've never had the experience, but it would be a great experience.</i> • <i>It may be better to have a native teacher for describing local customs and slang, but other than that there is no real difference in teaching standards;</i> • Já tive os dois e ambos tem suas qualidades;
--	--

Fonte: o autor

Para analisar as respostas da questão subjetiva, foi necessário dividi-las em categorias tais como: Respostas positivas, mas não justificadas; respostas positivas e justificadas; respostas negativas, mas não justificadas; respostas negativas e justificadas e respostas neutras. Para otimizar a análise, foi vista a necessidade de comentar apenas as respostas justificadas e neutras.

Para as respostas positivas e justificadas é possível perceber que a maioria das motivações para a crença na superioridade do professor nativo em termos de desempenho em sala de aula estariam ligadas à concepção de que o professor não nativo está limitado em termos de domínio do idioma, pois para eles somente

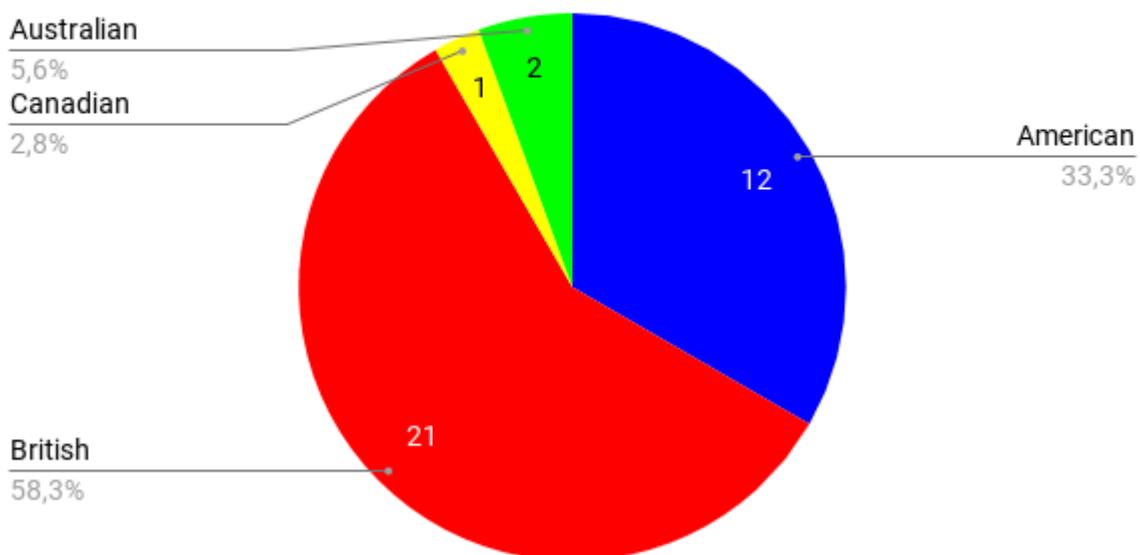
um nativo tem condições de ensinar a língua alvo de forma plena. Isso, de certa forma, confirma a existência do estereótipo linguístico que tem motivado muitas escolas a dar preferência aos professores nativos durante o recrutamento. Ou seja, essa preferência das escolas estaria ligada à uma preferência desse alunado. Dessa forma, as escolas de idiomas, que ainda apresentam esse tipo de critério de seleção, estariam respondendo a um comportamento do próprio mercado de ensino de línguas, por mais que esse comportamento seja o resultado de um equívoco por parte desses alunos. O sotaque, nesse caso, também foi colocado como limitação.

O contrário pode ser observado quanto às respostas negativas e justificadas. Muitos desses alunos não percebem diferenças tão grandes de desempenho. Alguns não apresentaram preferência ligada ao sotaque. Em outras respostas se pode perceber que os alunos dão preferência ao professor não nativo, uma vez que para eles, o sotaque do nativo iria inibir a compreensão de seus alunos.

A nomenclatura “respostas neutras” foi adotada para separar as respostas em que os participantes não apresentavam posições muito assertivas quanto a esse assunto, ou seja, não deixaram muito claro a qual dos dois perfis de professor dariam preferência. Alguns justificaram isso ao dizer que nunca tiveram aula com professor nativo e que, por essa razão, não teriam condições de fazer esse tipo de comparação. Outros disseram que não observaram diferenças tão grandes assim.

Gráfico 12-*If the previous answer was yes, which of the following teacher's nationalities do you prefer?*²³

If the previous answer was yes, which of the following teacher's nationalities do you prefer?



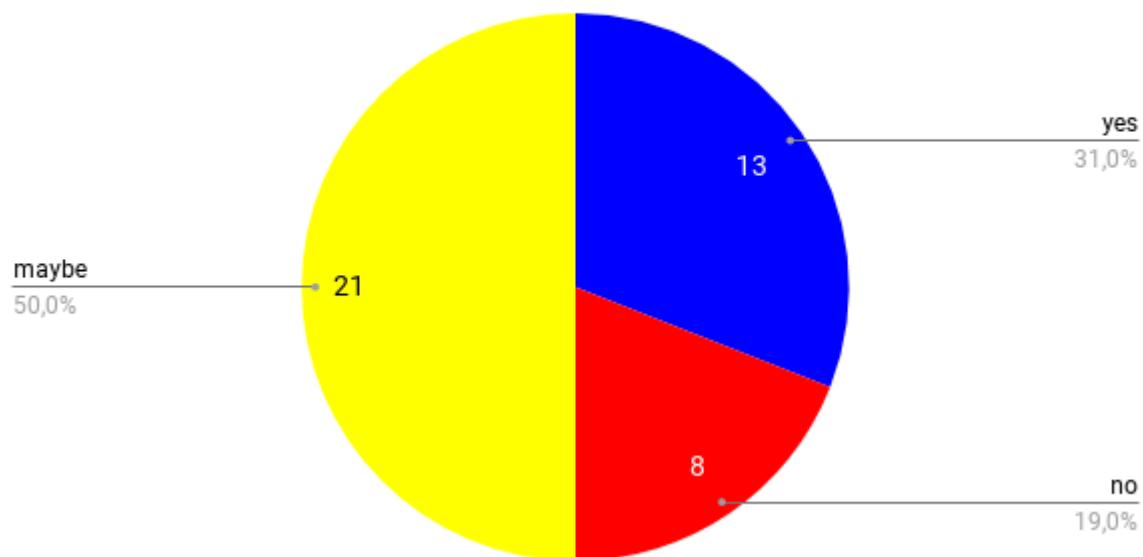
Fonte: o autor

No gráfico 12 se destaca informações referentes às preferências dos alunos que deram respostas positivas em relação à questão subjetiva anterior: 58,3% optou por professores de origem britânica, 33,3% selecionaram a nacionalidade americana, 5,6 % selecionaram australiano e 2,8 % escolheram canadense.

²³ Se a resposta anterior foi sim, qual das nacionalidades de professores de língua inglesa a seguir você prefere?.

Gráfico 13-*Do you believe that, by having a native English speaker as an English teacher, you would be able to speak just like a native?*²⁴

Do you believe that, by having a native English speaker as an English teacher, you would be able to speak just like a native?

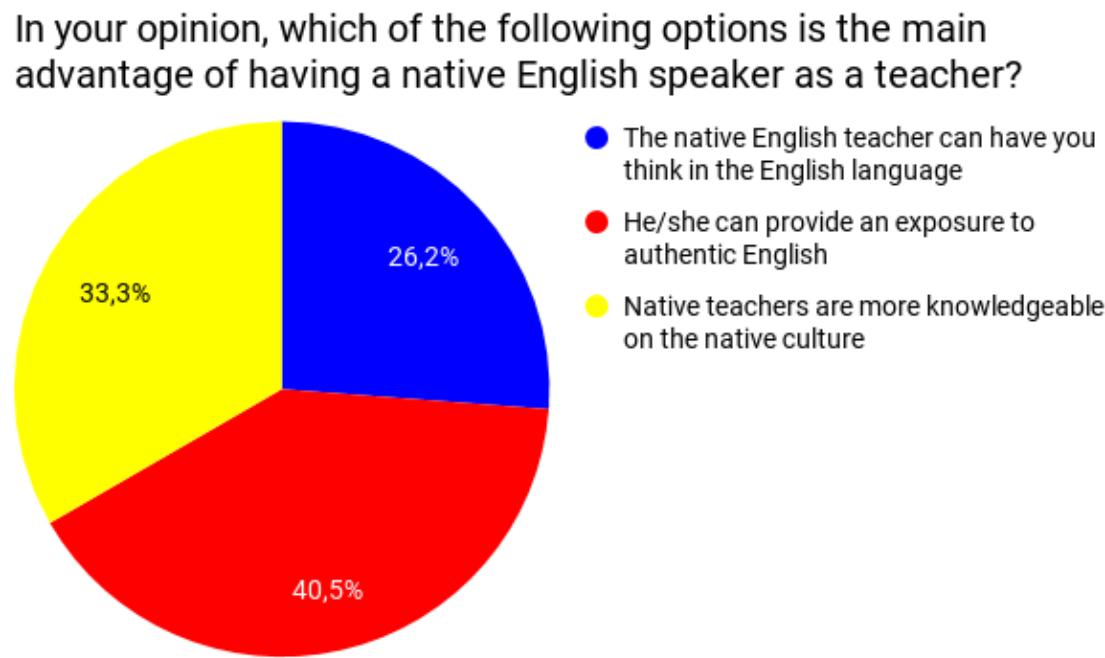


Fonte: o autor

No gráfico 13 são expostas informações quanto à crença dos entrevistados na possibilidade de alcançar um nível de fluência equivalente ao de um nativo se tiverem aulas com um deles: 50% responderam que talvez(*Maybe*) isso fosse possível, 31 % responderam que sim (*yes*), 19 % responderam que não (*no*).

²⁴ Você acredita que, ao ter um nativo como professor de língua Inglesa, você poderia falar como um nativo?.

Gráfico 14-*In your opinion, which of the following options is the main advantage of having a native English speaker as a teacher?*²⁵



Fonte: o autor

O gráfico 14 mostra informações sobre a principal vantagem de se ter um nativo como professor de língua Inglesa no ponto de vista dos entrevistados. As opções foram: Ele/Ela pode fornecer uma exposição ao Inglês autêntico(*he/she can provide an exposure to authentic English*), Os professores nativos tem mais conhecimento sobre a cultura nativa(*Native teachers are more knowledgeable on the native culture*), O professor nativo pode fazer com que você pense na língua Inglesa (*The native English teacher can have you think in the English language*): 40, 5% escolheu a primeira opção, 33,3% optaram pela segunda alternativa e 26, 2 % pela terceira.

²⁵ Em sua opinião, qual das opções a seguir é a principal vantagem de se ter um nativo de língua Inglesa como professor?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo mostrar o quanto importante as noções fonético-fonológicas podem ser na questão da credibilidade dos professores de Inglês não nativos. Embora algumas das questões aplicadas aos participantes envolvessem justamente esse aspecto da língua inglesa, não se pode dizer que este objetivo foi cumprido. Não há como garantir que todos os entrevistados conhecessem a diferença existente entre o sotaque e a pronúncia ruim, muitos podem ter confundido isso e acabado por marcar, erroneamente, alternativas que achavam ser a fonte de sua rejeição a esse perfil de professor.

Ao serem questionados sobre a possibilidade de alcançar nível de fluência semelhante ao nativo, apenas ao ter aulas com um professor natural de país em que o Inglês é a primeira língua, grande parte manifestou incerteza quanto a isso. Sua real motivação só aparece na questão seguinte, onde uma grande parte dos participantes afirmou que os professores nativos podem lhes dar acesso a uma experiência que consideram mais autêntica, bem como ser expostos às culturas dos povos nativos por intermédio de um de seus legítimos representantes. Algo parecido pode ser observado ao analisar a questão subjetiva, pois muitos dos que responderam de forma positiva, afirmaram que professores nativos tendem a superar seus colegas não nativos em qualquer cenário.

Após a análise dos dados apresentados, tem-se a impressão que os aprendizes têm a concepção de que seus professores não nativos, por melhores que sejam em termos de didática e conhecimento do assunto que ministram, sempre seriam apenas meros imitadores, não sendo capazes de desenvolver a fluência na língua Inglesa de forma completa, muito menos de ensiná-la da forma por eles idealizada. No entanto, é possível notar uma contradição nesse pensamento. Se uma pessoa não originária de culturas anglo-saxônicas, que aprende a língua inglesa como segunda língua, não conseguiria chegar a um nível de fluência aceitável dentro dos padrões dos entrevistados, como então, os entrevistados que manifestaram preferência por professores nativos, esperariam chegar a tal nível apenas ao terem aulas com um nativo? Deve-se chamar a atenção para o fato de muitas pessoas aprenderem com nativos e, mesmo assim, não adquirirem fluência similar, tanto o sotaque e, até mesmo, a deficiência

fonético-fonológica permanecem em muitos casos e isso é algo perceptível por qualquer professor do idioma. Dessa forma, as pessoas estão partindo do pressuposto de que seu instrutor do idioma alvo será sua única fonte norteadora em todos os aspectos da língua.

Aprender um idioma não se trata apenas de frequentar aulas e se manter numa postura de observância quanto ao que é falado pelo instrutor. É preciso um tempo complementar de estudo para que as quatro habilidades(fala, escuta, leitura e escrita) sejam desenvolvidas e, durante esse tempo de estudo, o aprendiz terá contato com outras variedades do idioma, o que torna impossível que o Inglês do aprendiz seja influenciado apenas pelo inglês do professor. Ou seja, ao final de curso, o inglês do aluno não seria propriamente uma cópia do Inglês de seu mestre.

Assim, a hipótese levantada não se confirmou, pois o público alvo parece não estar apto a fazer julgamentos sobre a pronúncia de seus professores, sua falta de conhecimento sobre isso é visível em suas respostas tanto objetivas quanto subjetivas. Apesar disso, deve-se levar em consideração que esse público faz parte de uma potencial clientela para as empresas que trabalham na área do ensino de idiomas e que sua opinião, por mais que não seja bem embasada, é levada bastante a sério por essas escolas. Esta é apenas uma questão de sobrevivência em um mercado que já é bastante competitivo.

A pesquisa vista só mostra que de fato existe uma preferência por professores nativos da língua inglesa, mas não consegue mostrar, de forma clara, se a pronúncia tem efeito nesse favoritismo. Visto isso, a importância das habilidades fonético-fonológicas na credibilidade dos professores de língua inglesa não nativos, seria melhor vista se um questionário, levando em conta esse aspecto, fosse aplicado tanto a professores quanto a membros das instituições de ensino de língua que colocam a origem como parâmetro de eliminação ou admissão em seus processos de recrutamento. Só assim seria possível ter uma visão geral da origem desse problema.

Passar anos se dedicando a aprender um idioma estrangeiro e se capacitando para leciona-lo é algo que exige extrema resiliência emocional de quem se aventura em todo esse processo, sem falar no investimento financeiro empregado nessa capacitação. Empregar todo esse esforço e, ainda assim, ser

barrado em processos de seleção em escolas de idiomas é bastante frustrante e é preciso investigar se a origem dessa rejeição estaria em deficiências na proficiência oral dos candidatos não nativos, problema que pode ter sua fonte na má pronúncia. Dessa forma, mais esforços devem ser empregados para determinar se o domínio do aspecto fonético-fonológico quebraria esse paradigma da superioridade linguística inerente aos nativos.

6 REFERÊNCIAS

Accent ace. Disponível em: < <http://www.accentace.com/pronunciation-vs-accent/> >. Acesso em: 15/01/2017. 11:13.

DARCY, Isabele; DOREEN, Ewert.; LIDSTER, Ryan. **Social factors in pronunciation acquisition:** proceedings of the 3rd annual pronunciation in second language learning and teaching conference. Iowa State University. 2011. Disponível em: <<http://jlevis.public.iastate.edu/Proceedingsfrom3rdPSLLT%20updated.pdf>>. Acesso em: 06/12/2016. 21:55.

FRUMKIN, Lara. **Influences of Accent and Ethnic Background on Perceptions of Eyewitness testimony.** University of Maryland Baltimore County.2007. Disponível em: < <http://eprints.ioe.ac.uk/4136/> >. Acesso em : 01/12/216. 10:30.

GARCÍA,M Iván. **Native English-Speaking Teachers versus Non-Native English-Speaking Teachers.** Revista alicantina de estudios ingleses . 1997. Disponível em:< https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/5996/1/RAEI_10_07.pdf>. Acesso em: 05/12/2016.20: 45.

HARDMAN, B, Brooks. **The Intelligibility of Chinese-Accented English to International and American Students at a U.S. University.** The Ohio University. 2010. Disponível em:< https://www.researchgate.net/profile/Shari_Speer/publication/228708712_The_intelligibility_of_Chinese-accented_English_to_international_and_American_students_at_a_US_university/links/00b49529cd35d5822d000000.pdf> . Acesso em: 01/12/2016. 9:00.

KRASHEN, D. Stephen. **Principles and practice in second language acquisition.** University of south California.1982.

KRASHEN, D. Stephen. **Second language acquisition and second language learning.** University of south California.2002.

LENNEBERG, H. Eric. **Biological foundations of language.** New York: Wiley. 1967.

MEDGYES, Péter. **When the teacher is a non-native speaker.** _____. Disponível em:<<http://teachingpronunciation.pbworks.com/f/When+the+teacher+is+a+non-native+speaker.PDF>> . Acesso em : 01/12/2016. 10:04.

TIMMING,D. Andrew. **The effect of foreign accent on employability:** a study of the aural dimensions of aesthetic labour in customer-facing and non-customer-facing jobs. University of St Andrews. Scotland. 2015. Disponível em:<<https://research-repository.st-andrews.ac.uk/handle/10023/8724> >. Acesso em: 11/12/2016. 21: 53.

APÊNDICE

APÊNDICE I

Students perspective on non-native teachers English

The purpose of this research is to find out what is the main cause for the occurrences of interference in the communication between non-native English teachers and students.

*Obrigatório

1. Endereço de e-mail *

2. Gender *

Marcar apenas uma oval.

- Female
- Male
- Prefer not to say

3. Nationality *

4. Have you had classes with any non-native teacher? *

Marcar apenas uma oval.

- Yes
- No

5. Do you think he/she is a good teacher? *

Marcar apenas uma oval.

- Yes
- No

6. How do you evaluate his/her English level? *

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5

Very bad Excellent

7. Can you understand what he/she says during the classes? *

Marcar apenas uma oval.

- Yes
- No

8. If the previous answer was yes, how much of what he/she says can you understand? **Marcar apenas uma oval.*

- Very little
- Almost everything
- Everything

9. In your opinion, what is the main cause of miscommunication between this non-native teacher and the students? **Marcar apenas uma oval.*

- The accent
- Bad pronunciation
- Grammar mistakes
- Misuse of words
- All the previous options

10. How is the students' performance in his/her tests? **Marcar apenas uma oval.*

- Bad
- Good
- Very good
- Excellent

11. Do you think that this overall performance in the tests is somehow related to your teacher's English level? **Marcar apenas uma oval.*

- Yes
- No

12. Does the teacher master the subject? **Marcar apenas uma oval.*

- Yes
- No

13. Do you think having a native teacher would be better? Justify.

14. If the previous answer was yes, which of the following teacher's nationalities do you prefer?

Marcar apenas uma oval.

- American
- British
- Canadian
- Australian

15. Do you believe that, by having a native English speaker as an English teacher, you would be able to speak just like a native? *

Marcar apenas uma oval.

- Yes
- No
- Maybe

16. In your opinion ,Which of the following options is the main advantage of having a native English speaker as a teacher? *

Marcar apenas uma oval.

- He/She can provide an exposure to authentic English
 - Native teachers are more knowledgeable on the native culture
 - The native English teacher can have you think in the English language
-